

**A RACIONALIDADE CONSTRUÍDA DA GEOGRAFIA OBSERVADA
EM UM EXERCÍCIO EPISTEMOLÓGICO NO CAMPO DA GEOGRA-
FIA URBANA**

Rosana Figueiredo Salvi¹

ORCID 0000-0001-9475-9867

Universidade Estadual de Londrina/UUEL

Professora Associada do Departamento de Geociências/CCE

E-mail: ro06salvi@gmail.com

Cláudio Smalley Soares Pereira

ORCID 0000-0002-4624-4057

Universidade de Pernambuco/UPE, Campus Petrolina

Professor Adjunto do Colegiado de Geografia

E-mail: clasmalley@hotmail.com

Eliseu Savério Sposito

ORCID 0000-0001-8887-8720

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente

Professor Titular do Departamento de Geografia

Pesquisador 1B do CNPq

E-mail: eliseu.sposito@unesp.br

Resumo

A investigação evidencia, por meio de reticulações entre teorias, metodologias e objetivos da Geografia Urbana, encontrados em publicações periódicas de extrato qualis A1, A2 e B1 da área de Geografia da CAPES, compromissos metafísicos, metodológicos, e ontológicos dessa tradição de pesquisa geográfica, e demonstra seus problemas conceituais e empíricos. Considerando que a ciência se faz com base em resolução de problemas, busca-se visualizar alterações no pensamento geográfico considerando em conjunto os objetivos da Geografia Urbana, suas teorias e metodologias, porém, apontando dentre esses elementos qual aparece como um pivô provisório desencadeador de mudanças.

Palavras-chave: Epistemologia da Geografia; Geografia Urbana; tradição de pesquisa; reticulação; problemas empíricos; problemas conceituais.

A BUILT UP RATIONALITY IN GEOGRAPHY NOTICED BY ANALYTICAL EPISTEMOLOGICAL PRACTICES IN THE FIELD OF URBAN GEOGRAPHY

Abstract

The research evidences, through cross - links between theories, methodologies and objectives of Urban Geography, found in periodical publications on webqualis A1, A2 and B1 extracts from the area of Geography of CAPES, metaphysical, methodological and ontological commitments of this geographical research tradition, and demonstrates its conceptual and empirical problems. Considering that science is based on problem solving, we seek to visualize changes in geographic thought, considering together the objectives of Urban Geography, its theories and methodologies, but pointing out among these elements what appears as a provisional pivot triggering changes.

Key words: Epistemology of Geography; Urban Geography; research tradition; reticulated model; empirical problems; conceptual problems.

Introdução

As diferentes perspectivas dos estudos geográficos, representadas por variados grupos de estudiosos, exibem uma correlação estrita entre as categorias e conceitos da Geografia, seus padrões de inteligibilidade e suas crenças metafísicas. Significa dizer que se pode produzir uma caracterização da natureza da ciência geográfica e de suas transformações internas, mediante a análise das modificações sofridas pelas categorias/teorias/conceitos observados numa dada tradição de pesquisa.

Tradição de pesquisa é uma *entidade postulada*: teoricamente construída para produzir uma explicação abrangente. No caso da presente pesquisa utiliza-se a ideia de Tradição de Pesquisa para tratar, dentre outras coisas, do desenvolvimento de um conjunto de conteúdos da Geografia Urbana evidenciando “pressupostos gerais acerca das entidades e processos num domínio de estudo e acerca dos métodos apropriados e utilizados para a investigação dos problemas e para a construção de teorias neste domínio” (LAUDAN, 1977, p.81).

Pelas classes de universalidade com as quais são qualificados os objetos submetidos à experiência do saber geográfico, pelos padrões segundo os quais esses objetos são considerados inteligíveis e pelas crenças metafísicas sustentadas (valores cognitivos) na aplicação dessas categorias e padrões ao mundo da experiência, se traduz na Geografia, a realidade concreta dos seus objetos de análise. Entendendo a Geografia Urbana como uma importante tradição de pesquisa, procura-se explicitá-la a partir do seu aparecimento como campo de saber na Geografia.

A racionalidade construída da Geografia e o desenvolvimento da Geografia Urbana

A Geografia Universal, traduzida em muitos lugares por Geografia Geral, apareceu próxima aos anos de 1600, sendo a versão de Varenius a mais divulgada. A descrição permaneceu, mas o fator que favoreceu a Geografia Moderna, desde Ritter até os discípulos de La Blache, foi a alteração no teor da descrição. Os geógrafos modernos atentavam para fatores integradores entre as sociedades e seus ambientes, enquanto que para os antigos (os geógrafos tradicionalistas usavam como exemplo o método de Estrabão) a descrição não tinha fundamentalmente esse compromisso. Essa afirmativa é encontrada nos prefácios de quase todos os manuais de Geografia do início e de meados do século XX, sejam eles de Geografia Geral, Regional ou Humana.

De herança fundamentalmente grega, alemã e francesa, a Geografia Geral era organizada nos manuais a partir de uma visão panorâmica da Terra e de sua representação gráfica e cartográfica. Dada como uma Geografia Descritiva, iniciava-se situando o planeta no Universo e trazendo como referência a Terra no sistema solar e os seus respectivos movimentos sobre si mesma e ao redor do Sol, sendo o globo terrestre apresentado com destaque para a forma, dimensões e estrutura da Terra. Eram auferidas a sucessão das estações do ano e as zonas terrestres, dando abertura para os conteúdos seguintes por meio da explicação das “zonas de contato” - regiões/áreas que promoviam o contato entre a Geografia Física e a Geografia Humana. Começava-se pelos mapas, com as coordenadas geográficas, os sistemas de projeção, o nivelamento, etc. até chegar-se à projeção do relevo. As bases: De Martonne, Elisée Reclus, R. Clozier, A. Cholley, Siegfried Passage.

Já o manual de Geografia Humana falava do método da Geografia Moderna em alusão à Geografia dos antigos, especialmente contrapondo o método descritivo de Estrabão com o método descritivo de Fèvre e Hauser, para mostrar que a alteração havia se dado “na atenção dos geógrafos para fatores integradores”. Assim, o Método Moderno de estudo geográfico buscava externalizar uma ordem geográfica.

Os manuais de Geografia Regional divulgavam uma ordem lógica para os estudos geográficos a partir de um sistema de referência categorial dado primeiro pela variação do tempo e segundo, pelas interações possíveis de serem observadas dentro dessa ordem.

Tendo a extensão, a causalidade, a conexão e a temporalidade como elementos do método difundido nos princípios limitadores do campo dos estudos geográficos, viu-se a

Geografia Geral, física, lidando com fenômenos fixos, menos dinâmicos e introduzindo, pelo primeiro princípio, a perspectiva da integração entre fenômenos naturais e humanos. A Geografia Regional trazia, pelo princípio da unidade terrestre, a correlação entre as atividades do meio e as atividades humanas e a Geografia Humana, pelo princípio da atividade (dinamismo temporal) prendeu-se ao estudo das relações e influências das coletividades humanas no meio geográfico. Uma de suas derivações deu origem à tradição dos estudos urbanos na Geografia, a qual tem sua origem na explicitação dos problemas da Geografia Humana, ao tratar do “habitat rural”. O conceito de habitat na Geografia é proveniente dos estudos de gênero de vida, introduzidos por Paul Vidal de La Blache, na década de 1930, tendo sobressaído inicialmente o habitat rural, tão estudado por Jean Brunhes. Da investigação das origens e causas desse habitat destacaram-se os tipos de aglomeração e os tipos de dispersão e, desses, derivou-se o conceito de cidade adotado pela ciência geográfica e pelos estudos urbanos.

A Geografia Urbana brasileira em princípio essencialmente foi considerada realizada por especialistas estrangeiros como Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines. A maior parte dos estudos admite fases para a sua evolução, seguindo as tendências gerais do pensamento geográfico, sendo a primeira fase relativa aos estudos tradicionais, a segunda sob influência do neopositivismo ou da Geografia Quantitativa e a terceira e atual fase, dominada pela Geografia Crítica, fundada no materialismo histórico e dialético. Nessa perspectiva se colocam Müller (1968), Clark (1991), Abreu (1994), Corrêa (1978, 2000), Carlos (1994), dentre outros. O molde dos geógrafos estrangeiros é considerado como um ponto de partida dos estudos urbanos no Brasil, sendo avaliado a partir de Monografias Urbanas de cunho predominantemente descritivo (CORRÊA, 1978).

Da investigação das origens e causas do habitat rural destacaram-se os tipos de aglomeração e dispersão, emergindo de tal contexto o conceito de cidade na Geografia. Dessa origem também derivou a dicotomia que deu início e impulsionou os debates no domínio da Geografia Urbana: o campo e a cidade. Nessa perspectiva, o estudo da cidade foi visto em sua produção social e também como produto histórico, como resultado de ações acumuladas. Foi também visto como resultado da dinâmica social reproduzida por um determinado modo de produção. Também foi analisado como uma marca impressa na paisagem e, ainda, investigado como algo que pode ser observado, mormente a partir da análise dos discursos geográficos sobre a cidade desde a sua gênese. Todavia, é importante compreender que os termos urbano e cidade podem designar elementos diferentes. O termo urbano normalmente é

usado para referir-se a práticas concentradas principalmente em atividades do setor secundário e terciário, diferenciando-se do rural, composto por áreas não ocupadas, tais como reservas florestais, por exemplo, e agrárias, especializadas em práticas do setor primário. Conforme aponta Lefebvre (2000), o urbano representa a justaposição e a afirmação das formas sociais.

A Tradição da Pesquisa Urbana na Geografia como uma entidade construída

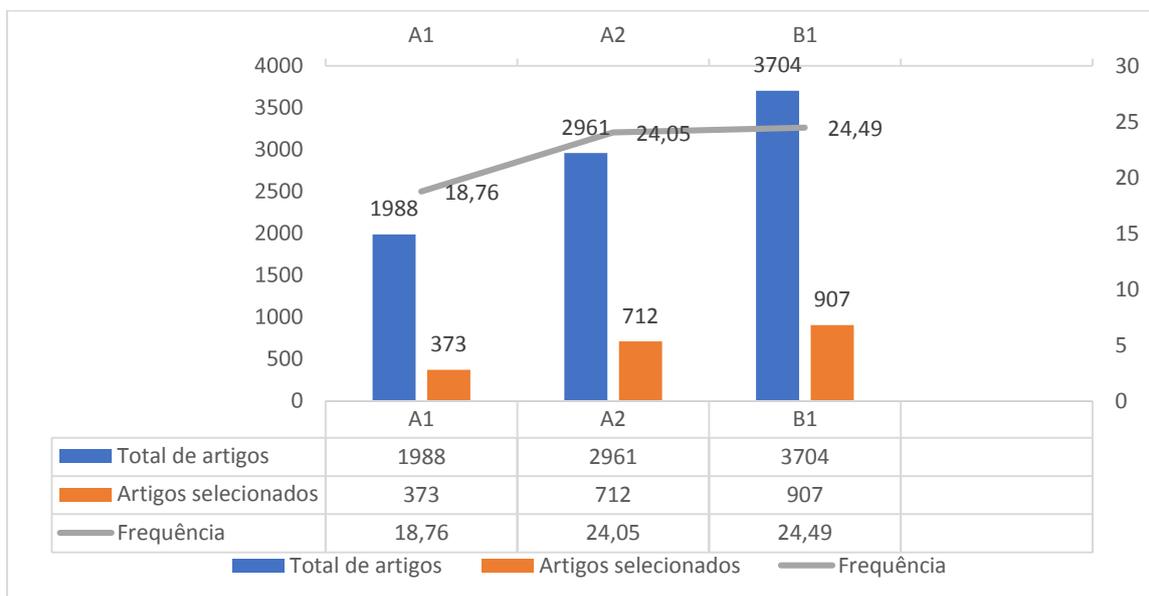
Como uma tradição de pesquisa fornece orientações gerais acerca da ontologia e da metodologia a serem utilizadas pelas teorias, estas, por sua vez, adotam ontologias e metodologias específicas orientadas pela tradição. Conquanto oriente teorias, a tradição de pesquisa a partir dos compromissos acima descrito não é, contudo, testada.

Os argumentos contidos no presente artigo foram construídos a partir da consulta a artigos da Geografia Urbana buscados no *webqualis* da CAPES, na classificação de periódicos do quadriênio 2013-2016, no período que corresponde em média aos últimos 10 anos.

O levantamento deu-se a partir das revistas qualis A1, A2 e B1 da CAPES, pela classificação de periódicos do quadriênio 2013-2016. Essa etapa foi iniciada pela classificação de periódicos do quadriênio 2010-2012, porém, como no decorrer do levantamento houve a divulgação do quadriênio 2012-2016, com novos extratos para as revistas, a classificação foi refeita. Contudo, dado o número de publicações levantadas em duas revistas que mudaram de extrato – de B1 para B2 no último quadriênio – resolveu-se manter os artigos para análise.

Ao todo foram consultadas 25 publicações periódicas da área de Geografia do *webqualis* CAPES (4 A1, 6 A2, 12 B1, 2 B2), sendo separados um total de 9.476 artigos correspondentes a 24 revistas (exceção para a revista *Cidades*). Desse total, 2.376 artigos foram selecionados para comporem o corpus da pesquisa. O Gráfico 1 mostra a proporcionalidade das publicações no domínio da Geografia Urbana.

Gráfico 1. Distribuição das publicações selecionadas no quadro geral por extratos



Org. Salvi, 2018

Considera-se a ocorrência de variações na periodicidade e no número de artigos, havendo anos em que determinadas revistas não publicaram e anos em que publicaram um número de artigos acima da média. Tal disparidade impossibilita a análise feita ano a ano e também por número de artigo por ano. Entretanto, pode-se inferir que há uma frequência relativa de 24,13% de publicações na área de Geografia Urbana quando se considera o total de 9.476 artigos publicados nos três extratos, sendo que desse montante foram selecionados 2.287, além dos 89 artigos da revista *Cidades*.

Expõe-se os resultados da investigação discutindo os compromissos metafísicos e metodológicos dessa importante tradição de pesquisa geográfica, bem como seus problemas empíricos e conceituais.

Compromissos metafísicos e metodológicos da Geografia Urbana

Acompanhando o pensamento geográfico como um todo, boa parte dos compromissos metafísicos encontrados nos artigos incorporam elementos que representam movimento e mudança. A visão dialética permeia parte dessa produção.

A Geografia Urbana consolidou-se com o problema do tempo e seus correlatos, não combatendo ou se esquivando dele. A temporalidade, nesse caso, se constituiu como uma

centralidade nos estudos urbanos, cuja experiência trouxe uma forma de proceder considerando a historicidade como um fator primordial no entendimento dos fenômenos urbanos. A Geografia Urbana que se concebe nos artigos analisados tem preocupação com a temporalidade e nutre-se dela para justificar seus procedimentos.

Nessa tradição, a realidade é dada como uma articulação entre singularidades, particularidades e universalidade, o que denota uma ontologia marxiana que logo de início apareceu.

Os artigos mostraram que a emergência do ser social tal como tratado pela Geografia Urbana implica na presença de um conhecimento *a priori*, uma vez que os objetos analisados por essa tradição não são absolutamente desconhecidos. Os fenômenos analisados são, ao mesmo tempo, singulares, particulares e universais. As cidades são típicos exemplos. Não há uma cidade, das dezenas analisadas, absolutamente idêntica a outra. Cada uma delas é única em si, porém, carrega na temporalidade recortada, na sua história, processos semelhantes, ou traz no seu cotidiano, problemas análogos a todas as outras. A própria denominação “cidade” implica em propriedades comuns que as identifica. Ao agregarem formas e funções, ou ao serem inseridas em contextos locais, regionais ou mundiais, somado ao fato de serem de determinado tipo - uma metrópole ou uma cidade média ou pequena, por exemplo - encontra-se a particularidade que as une.

O movimento do método é balizado por elementos genéricos (abstratos e gerais) que vão se tornando menos genéricos na medida em que se aproximam de objetos e fenômenos específicos. Portanto, tal movimento não é desprovido de explicações dadas anteriormente ou de alguma intenção. Redes de cidades, por exemplo, se organizam e se articulam num nível de tratamento conceitual e técnico que permite buscar ou associar ou interagir elementos conectivos na rede urbana, de tal modo que na relação entre a realidade concreta, a realidade asseverada pelo método e a realidade possível (vislumbrada idealmente como resolução de problemas) tais elementos genéricos servem de orientação às explicações. Percebeu-se, assim, o caráter cumulativo do conhecimento geográfico desde os momentos primordiais do surgimento da Geografia Urbana. Ao longo de sua história, a transformação da natureza do urbano significou uma contínua, ainda que não linear, acumulação de conhecimentos, tanto sobre a sua realidade natural, quanto sobre a realidade social e seus problemas empíricos.

Os objetos do domínio da Geografia Urbana não se traduzem numa síntese específica de universalidade dos problemas da Geografia ou das particularidades e singularidades

dela, mas exprimem o resultado de um determinado processo histórico e social. Totalidade, historicidade e práxis foram categorias observadas e presentes nessa tradição de pesquisa.

A base metafísica da Geografia Urbana

O saber geográfico contido nos campos disciplinares da Geografia funda-se numa perspectiva de mundo concreto dado à aparência. Suas categorias são construídas a partir de uma realidade observada, passível de apreensão pelo uso comum de princípios organizadores da Geografia Geral e Regional, física e humana, e pelo método científico.

Conceitos e expressões são modalidades eficazes de apreensão da realidade pelos geógrafos para indicar os atributos das coisas e são acompanhados de locuções que deixam transparecer a crença na existência de propriedades essenciais e contingenciais do espaço geográfico (valores cognitivos da Geografia). Ao considerar as alternativas para interpretar o modo como os elementos se organizam no espaço, como os objetos são e se dão, os proponentes da noção dos limites possíveis ao estudo geográfico defenderam desde muito tempo a existência de uma pluralidade de termos e concepções arraigadas em diversas tradições de estudos. Destas, o mundo possível de ser apreendido pelo saber geográfico foi dado como mundo real, concreto, inicialmente situado na superfície terrestre. Ao geógrafo coube acreditar que esse mundo é admissível de compreensão porque o que há nele é lógica e ordenadamente explicável.

Porém, observando que a concepção não se esgota no mundo tal como ele é, as categorias de apropriação da realidade pelo saber geográfico são, sobretudo, metafísicas, dado abarcar em um horizonte limitado à sua análise a realidade dada na superfície e nas relações encontradas em seu componente espacial por elementos de unidade e multiplicidade. Nessa base metafísica encontra-se a origem dos preceitos dos campos especializados do saber geográfico, incluindo a Geografia Urbana. Essa edificou-se a partir de três posições bem visíveis nos artigos analisados:

1º. O mundo urbano tal como ele é – relativo às cidades, tamanho das cidades, crescimento das cidades, climas urbanos, poluição, transporte, lazer, etc., e relações entre os elementos componentes do urbano – relações de classe social, relações de poder, modos de vida, anseios e desejos, etc. Essa categoria se constrói a partir da realidade concreta e observável, tal como apresentada aos sentidos da razão geográfica e pela visibilidade dos

problemas existentes, ambos, realidade e problema, mediados pelos limites do conhecimento geográfico.

2°. O mundo urbano aprisionado pelo método – relativo à função exercida pelas cidades numa rede de relações que envolve planejamento, redes organizacionais, modelos de crescimento das cidades ou região, relações entre fixos e fluxos, etc. e relações derivadas no âmbito de problemas econômicos, sociais, culturais e ambientais. Essa categoria é concebida por tratamento técnico relativo ao saber especializado do geógrafo e do método de apreensão geográfica. Deriva dela os conceitos e as representações oriundas desse tratamento.

3°. O mundo urbano como devir – relativo a apresentação de pressupostos ao desenvolvimento urbano, ao crescimento certo e justo das cidades, aos vários anteparos de resolução de problemas de ordem social, cultural ou ambiental, etc. Essa categoria carrega em si o ideal de realidade urbana almejada por esse campo do saber geográfico que normalmente não se encontra na realidade concreta. Também sugere resoluções de problemas urbanos na ordem do ideário da comunidade de geógrafos especialistas nesse campo.

Basicamente a existência dos três mundos que cercam a produção da Geografia Urbana indica e leva à construção de um tipo de entidade diferenciada para cada um desses níveis. No contexto dessa pesquisa um problema é saber se a primeira entidade é, de fato, concreta ou se o seu tratamento ou apreensão lhe dá caráter abstrato. Outro problema está na relação entre a semântica e a metafísica: o uso das expressões “mundo urbano concreto”, “mundo urbano aprisionado pelo método” e “mundo urbano idealizado pelo saber geográfico” tem caráter metafórico, mas a partir de sua heurística seu uso na semântica sugere questões como saber se estão ou não comprometidos com a existência de entidades alternativas e quais seriam essas, por exemplo.

Assim, assume-se com base nos resultados da pesquisa que as três expressões possam ser tratadas como categorias de apreensão do saber geográfico captadas pela tradição de pesquisa da Geografia Urbana.

Vê-se nessa projeção ao menos três dificuldades: a primeira, refere-se à prioridade da realidade imediata sobre as demais. Dos mundos apresentados, apesar de o mundo apropriado pelo método ser o objeto principal dos geógrafos, transparece que a realidade concreta e atual e a realidade idealizada não são do mesmo tipo, embora sejam apresentadas como consequência ou resultado de ações esperadas ou desejadas. A segunda dificuldade está na contraposição da afirmação de que existem outras maneiras de como o mundo poderia ser,

com a perspectiva de uma entidade dada pela maneira de como o mundo pode ser pelo olhar do geógrafo. E finalmente, uma terceira dificuldade é a de saber por postulado que há uma pluralidade de mundos possíveis, mas é assumido que somente um desses mundos é o imediato, os demais são uma construção tendo por base o primeiro. O terceiro sabe-se meramente possível, posto que é ideiação. De qualquer forma, ao que parece, as três dificuldades decorrem de duas perguntas: quão eficaz é a promessa de resolução dos problemas do mundo urbano concreto num mundo urbano alternativo, construído pelo olhar do geógrafo? Esse mundo alternativo é alcançável? O mundo urbano idealizado nos artigos é erguido em torno de situações contra fatuais e engendram o compromisso com a existência de entidades exemplificadoras dessas situações.

Essas considerações foram trazidas pensando acerca do realismo/materialismo assumido na maior parte dos estudos geográficos analisados na tradição de pesquisa em Geografia Urbana. Tal realismo/materialismo dos três mundos são objetos ou situações inferidas ou abstraídas da atividade racional dos geógrafos. Portanto, tais mundos não existem independentemente dessas pessoas que trazem as possibilidades como parte do conteúdo de suas considerações. O composto urbano é, portanto, um dado *a priori*.

É importante dizer que a realidade imediata não constitui a totalidade e também não coincide com a sua essência. A apreensão do processo por meio do qual os objetos urbanos se configuram é parte integrante da captura racional dessa realidade, mas insuficiente na apreensão das relações existentes.

A metafísica que sustenta essa categorização básica da Geografia Urbana pode ser considerada uma metafísica processual. A sua filiação contribui para um conhecimento que se completa na captura de complexas articulações entre a essência e a aparência dos objetos de análise dos estudos urbanos; contribui ainda para o conhecimento do modo específico como as articulações ocorrem.

Finalmente, pergunta-se se é possível conhecer a realidade por meio da mediação de conceitos, teorias, concepções e percepções, considerando que o conhecimento geográfico esteja imerso em uma unidade ou multiplicidade de práticas discursivas. Ao se observar o que valida o conhecimento geográfico, a noção de valor cognitivo é o guia comum na negociação acerca do saber produzido e difundido por essa tradição de pesquisa. Quer dizer que o que conta como válido para o conhecimento geográfico não é arbitrário, dando-se pela via do método.

O componente metodológico

Nesse quesito os dados retirados da realidade imediata pela tradição de pesquisa em Geografia Urbana, relativos por exemplo à globalização, demografia urbana, densidade urbana, planejamento urbano, sociedade, migração, papéis e significados de pequenas cidades, metropolização do espaço, espaço público urbano, espaços de vida, produção do espaço periférico, luta pelo espaço, entre tantos outros, capturam um conjunto de elementos isentos da concretude que lhes é própria, sendo o seu sentido apreendido na medida em que conexões os articulam com a totalidade à qual pertencem. É neste contexto que a produção da Geografia Urbana se torna possível como conhecimento da realidade imediata a partir de processos de abstração. Neste sentido há um certo desajuste na consideração da ferramenta instrumental mais apropriada, pois a realidade social não é e nem pode ser submetida aos mesmos processos experimentais utilizados no estudo da realidade natural, mas a tradição dos estudos urbanos em Geografia ocorre nesses dois âmbitos. Assim, seus instrumentos de captura vão desde a elaboração de mapas, uso e tratamento de imagens de satélites, fotos, gráficos e tabelas, construção de esquemas explicativos, entre tantos outros. Técnicas e procedimentos são, entretanto, meios auxiliares da abstração que se traduz na busca por demonstrar no plano ideal o que acontece na realidade imediata, sendo a partir dessa estabelecidas diferenças e similitudes, articulações e conexões entre os diversos elementos que fazem parte da análise urbana. A seguir, alguns exemplos.

Nestas considerações gerais, não é sem dúvida supérfluo lembrar que todo trabalho geográfico supõe o estabelecimento de mapas; a representação cartográfica continua a ser o melhor meio de esquematizar e dar da realidade uma representação a um tempo exata e eloqüente. Vulgarizado pelas diversas escolas geográficas modernas, o emprego do mapa foi adotado pela sociologia e pela etnografia, sobretudo americanas, e os estudos clássicos da Escola de Chicago mostram tudo o que era possível conseguir desse emprego, exatamente em matéria de inquéritos urbanos (CIDA-DES. v. 1, n. 2, 2004, p. 277-314).

As etapas da pesquisa compreenderam:

- I) mapeamento do arroio: coletou-se informações por GPS, as quais permitiram um mapeamento detalhado de todo o canal;
- II) levantamento de informações, através da aplicação de cento e seis questionários, abrangendo 100% da população existente nas margens do arroio Santo Antônio. Foram coletadas informações acerca das características socioeconômicas da população ribeirinha e sua percepção quanto ao meio ambiente;
- III) levantamento ambiental com visitas ao local de estudo e verificação da situação quanto à vegetação já existente, e análise microbiológica da água no trecho do perímetro urbano e na nascente do arroio;

IV) levantamentos bibliográficos das leis e de autores que elucidam as tendências de uso de áreas urbanas, tomando por referência a questão da degradação ambiental. Coletou-se informações para obtenção de futuras propostas para o melhoramento da área, visando proporcionar uma melhor qualidade de vida a população ribeirinha. Na área em estudo, acompanhou-se as ações da comunidade, num período de dois anos (2007 e 2008)

(Ateliê Geográfico Goiânia-GO v. 4, n. 3, agosto/2010, p.127-147).

A urbanização de Rondônia, assim como a que ocorreu em outras regiões da Amazônia Ocidental, aconteceu, sobretudo, em função dos desdobramentos dos processos de integração da Amazônia. Tal processo, ao induzir o surgimento de núcleos urbanos, como centros de comando político/administrativo/econômico, produziu um espaço de expansão da recente modernização brasileira que se contrapõe e subverte o antigo modo tradicional/extrativista dominante na região. (Revista Geografar Curitiba, v.7, n.1, p. 20-52, junho/2012).

Sobre o novo modelo suburbano registrado na RMG, compreendemos que os condomínios de chácaras guardam forte vinculação com o modo urbano de viver. De acordo com Gottdiener (1993, p. 14) essas ocupações fazem vislumbrar o próximo estágio de um processo de “desconcentração do centro metropolitano que vem ocorrendo desde a década de 1880”, nos EUA. A novidade registrada na RMG é que tal ação é implantada involuntariamente face à demanda por espaços de lazer e segunda residência. Os condomínios de chácaras na RMG é a manifestação do poder de articulação do mercado imobiliário face à desregulamentação instalada no âmbito dos governos municipais. (Boletim Goiano de Geografia. (Online). Goiânia, v. 35, n. 2, p. 359-377, maio/ago. 2015).

A pesquisa qualitativa realizada neste artigo examina, em profundidade, um fenômeno, histórica, cultural e economicamente, significativo, assim como dá atenção aos detalhes do processo de desenvolvimento da economia noturna LGBT carioca. Ainda que esse estudo de caso tenha como obstáculo a dificuldade de produzir generalizações mais amplas, ele permite alto nível de validação do argumento defendido, uma vez que explica de maneira precisa processos e resultados de aspectos bem definidos dos casos particulares selecionados para investigação (BENNETT, 2004), justificando assim sua adequação a esta pesquisa. Para a análise interna do desenvolvimento da economia noturna LGBT no Rio de Janeiro, é feito o rastreamento do processo (*process tracing*), movimento que permite verificar se o caminho entre uma causa hipotética e o efeito observado comportou-se conforme previsto pela base teórica e conceitual mobilizada na pesquisa (BENNETT, 2004). Os dados foram coletados por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre economia noturna mundial, brasileira e carioca e sobre economia LGBT, bem como de observação direta nos locais em que se desenvolve a economia noturna LGBT no Rio de Janeiro e de entrevistas semiestruturadas com os frequentadores de tais lugares. (Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Recife, v.19, n.2, p.288-309, maio-agosto. 2017).

É preciso lembrar que o conhecimento geográfico tem em seus fundamentos desde sempre, embora em níveis diferentes, o momento da universalidade, da particularidade e da singularidade. Assim, foi perceptível nos artigos que ao abstrair um elemento particular ou singular mantém-se, ainda que de forma tênue, vínculos com a universalidade. Esse caráter

articulador é fortemente percebido nos artigos analisados e acompanha o processo de produção do conhecimento geográfico. É preciso lembrar ainda que abstrair significa isolar o objeto do conjunto no qual está inserido; por isso, por processos de abstração são capturadas tantas qualidades, diferenças e similitudes entre as coisas e o modo como se articulam na Geografia Urbana. Usando ainda o exemplo das cidades observadas no seu conjunto por processos abstratos chegou-se a qualificá-las em grandes, médias e pequenas; estabeleceu-se diferenças entre elas no conjunto e fora dele (redes regionais, redes nacionais ou mundiais, etc.); mas, ao mesmo tempo, indicaram-se pontos comuns que autorizam a denominá-las cidades. O procedimento de separação dos elementos que permitem compreender a natureza do urbano, reforça a sua importância e a sua articulação com os demais componentes da Geografia.

Os critérios dessa construção são suficientemente estabelecidos pelo método científico da Geografia, o qual possui uma autenticidade/identidade - determinações essenciais e estruturas fundamentais que o diferenciam. O processo de construção do método (aqui para, particularmente, trabalhar com o fato geográfico) permitiu a captura de um número cada vez maior de apreensões segundo a importância, as mediações e as articulações com o seu objeto, de tal forma que o conhecimento dele derivado parece escapar ao próprio geógrafo. Assim, *a construção de conceitos ganhou uma identidade na Geografia Urbana, cujo corpo teórico auferiu, por uma natureza específica, a sua diferenciação em relação a todos os outros objetos do conhecimento geográfico.* Os componentes do urbano são teoricamente traduzidos por essa tradição de pesquisa, a qual é possível identificar também como medida da identidade, a práxis - concebida a partir da compreensão do processo histórico que nela culminou. Deste modo, tem-se no componente metodológico, além da confrontação entre a teoria e os fatos, a compreensão de um processo histórico e social que articula os elementos do urbano.

Problemas empíricos e conceituais da Geografia Urbana

Os problemas empíricos da Geografia urbana, como já mencionado, não estão na ordem de problemas absolutamente desconhecidos porque há elementos sincrônicos e diacrônicos que os integram a uma totalidade na medida em são estabelecidas determinações mais gerais da realidade abarcada por essa tradição. Entretanto, observou-se uma orientação em direção àqueles aspectos ainda desconhecidos. As pesquisas no campo da Geografia Ur-

bana, ao se aproximarem de seus conteúdos em pormenores, analisam a diversidade das formas de desenvolvimento e a conexão íntima entre elas, descrevendo o movimento das realidades urbanas. A realidade com a qual lida adquire esse caráter de totalidade pela visão ontológica processual que a permeia, embora exista a forma gnosiológica do conhecimento. É dessa maneira que a Geografia Urbana lida com seus problemas empíricos e os eleva ao plano conceitual. Quer dizer que, na medida em que os processos vão se constituindo e sendo demonstrados nos esquemas explicativos, ao mesmo tempo, a totalidade de determinado objeto e as partes que o compõem, a hierarquia e a ordem entre diversos momentos, o modo como se relacionam entre si, as relações diversas e a referência (mudança/passagem) a vários momentos, o plano conceitual vai se desenvolvendo, sendo elaborado e reelaborado.

Essa dinâmica acompanha uma trajetória identificada nos artigos analisados por viés marxiano que historicamente se estabeleceu na tradição dos estudos urbanos na Geografia. Um grupo de problemas (problemática) acompanha análises relativas à propriedade privada, com a sua característica divisão social do trabalho e confere à realidade dos centros urbanos um caráter alienado e que adquire características específicas nos estudos de urbana, tendo sua raiz no fetichismo da mercadoria e nos agentes que a promovem.

Há, portanto, nos problemas empíricos e conceituais da Geografia Urbana um caráter de busca do imediato, do aparente, do fenomênico, do fragmento e tais características se apresentam como se constituíssem a totalidade da realidade dos problemas urbanos e dos problemas conceituais e empíricos do método científico que utiliza para lidar com os primeiros.

Entretanto, vale lembrar, a entrada das teorias pós-modernas, desde o final do século XX, que deslocam o sujeito da pesquisa auferindo importância as qualidades tais como o diferente, o imediato, o efêmero, o fragmento. Para essa vertente, o urbano teoricamente constitui-se sem essência e, assim, a realidade urbana é questionável, pode não existir e tão pouco ser considerada em sua unidade e permanência.

Na perspectiva gnosiológica da tradição de estudos urbanos, o rigor lógico, a vigilância epistemológica e a aplicação correta do método garantem em parte a resolução de problemas empíricos e conceituais, bem como asseguram a reprodução de um conhecimento específico.

Na perspectiva marxiana dessa tradição, observou-se duas condições complementares admitidas de modo claro e explícito na resolução de tais problemas: o rigor manifesto igualmente pela perspectiva gnosiológica dos procedimentos intersubjetivos e, somado a

esse, o ponto de vista de classe social. Nos trabalhos analisados é comum a leitura de argumentos acerca do poder político com origem na existência do antagonismo inconciliável de classes sociais, cuja função é a defesa dos interesses de classes dominantes. Este tipo de argumento revela em si uma opção também de classe social, na qual os interesses que sobressaem estão conjuminados com a classe trabalhadora. Considera-se natural e racional a observação de tal ocorrência visto que as duas classes fundamentais da civilização moderna – burguesia e proletariado – têm demandas diferentes e originam e reproduzem arquétipos de conhecimento também distintos. O perfil científico que se destaca na resolução de problemas postos pela Geografia Urbana mostra a sua vinculação com interesses fundamentais da classe trabalhadora, evidenciando um tipo de cientificidade ligado a necessidade que a classe proletária tem de considerar o conhecimento como agente que sustenta a possibilidade para a transformação do mundo (realidade imediata) e indica os caminhos dessa transformação.

Os obstáculos ao conhecimento dado na ordem dos problemas conceituais e empíricos da Geografia Urbana se dão, portanto, em consequência da existência da propriedade privada, da divisão social do trabalho e da alienação.

A Geografia Urbana: três aspectos que merecem destaque

O material que foi exposto anteriormente aponta para a necessidade de se fazer uma reflexão sobre os estudos urbanos, em particular o que cabe à Geografia Urbana. Não se tem a pretensão, aqui, de fazer nada mais do que breves apontamentos sobre o estado atual dos estudos urbanos, posto que uma pesquisa aprofundada seria um trabalho de fôlego e de grande envergadura. São, apenas, constatações que expressam a particularidade da Geografia Urbana.

O enfoque recai sobre três características que permitem observar a análise trabalhada anteriormente: primeiramente, as perspectivas teóricas, metodológicas e epistemológicas que permeiam os debates na geografia urbana atualmente; num segundo plano, os problemas de pesquisa e método da Geografia Urbana dizem respeito à Geografia em geral, traduzindo-se em uma particularização de problematizações que perfazem a construção e o *savoir-faire* da Geografia como ciência; nesse sentido, a discussão epistemológica se faz presente, sendo a Geografia Urbana um campo disciplinar destacado na ciência geográfica quando o assunto é a epistemologia geográfica e os conceitos geográficos. Por fim, num quarto e último ponto, a ênfase recairá sobre a relação entre presença-ausência em termos teóricos-epistemológicos.

Nesse sentido, a ideia é mostrar como a predominância de determinados temas e perspectivas teóricas na Geografia Urbana é, sob um outro ponto de vista, a pouca presença (ou mesmo ausência) de outras perspectivas teóricas, e mesmo de temas sobre perspectivas teóricas já consolidadas. Assim, mais uma vez, ressalta-se que as ideias aqui expostas podem servir como pontos de partidas para pesquisas mais amplas e detalhadas sobre a Geografia Urbana, seu papel, sua gênese e constituição, e de outras problemáticas que aqui não foram tratadas.

Geografia Urbana e perspectivas epistemológicas contemporâneas

Desde que o livro *A produção social do espaço urbano* de Mark Gottdiener veio a público, em meados dos anos 1980 (GOTTDIENER, 1993), várias perspectivas teóricas foram lançadas visando ampliar o enfoque e o escopo dos estudos urbanos em escala global. O trabalho de pesquisa e análise empreendido por Gottdiener é digno de nota, pois se configura, de forma ampla, como um dos trabalhos mais relevantes sobre os estudos urbanos em sua gênese e desenvolvimento, além das perspectivas teóricas. Cobre, deste modo, em termos temporais, várias décadas, pois analisa minuciosamente desde o surgimento da Escola de Chicago nos anos 1910-1920, até mesmo a teorização da matriz marxista-lefebvriana, nos anos 1970. É, assim, um referencial obrigatório para se compreender os estudos urbanos em uma perspectiva mais ampla, sua evolução, seus debates, continuidades e discontinuidades.

Nesse estudo, Gottdiener (1993) identifica sete perspectivas teóricas distintas: a ecologia, a economia e geografia urbanas compartilhavam entre si as matrizes de entendimento, e pelo autor foram resumidas na expressão “teoria urbana convencional”. A distribuição e a diferenciação funcional da cidade e do espaço eram suas problemáticas básicas. Por outro lado, a partir dos anos 1970, ganha corpo o que ele chamará de “nova sociologia urbana” (GOTTDIENER; FEAGIN, 1989), em que faziam parte as abordagens do estruturalismo marxista, a economia política urbana, o neweberianismo e a perspectiva de produção do espaço (GOTTDIENER, 1993).

Mais recentemente, alguns trabalhos vieram à tona, numa tentativa de fazer um balanço sobre os últimos trinta anos de estudos urbanos. Esses trabalhos, portanto, cobrem um período de tempo em que a ciência social, em sua amplitude, passou por muitas transformações. Nos estudos urbanos não foi diferente. Assim, novas teorias ganham força nos programas de pesquisa sobre a cidade, o urbano e a urbanização, que décadas atrás – até a

publicação do livro de Gottdiener – não apareciam nesse campo de estudos particular ou eram pouco influentes.

Scott e Storper (2013), Storper e Scott (2018) e Peck (2018) escreveram artigos que são, hoje, essenciais para se compreender o que é a teoria urbana atualmente. Seus textos tentam sintetizar, avaliar e problematizar as perspectivas teóricas que hoje predominam nos estudos urbanos. Ainda que seja possível identificar pontos que não são tão concordantes entre os autores, pode-se dizer que as correntes teóricas e epistemológicas que hoje predominam nos estudos urbanos e, por conseguinte, na Geografia Urbana, são o pós-estruturalismo, o pós-colonialismo e uma espécie de pós-marxismo. Nota-se, assim, que atualmente a diversidade de tendências teórico-metodológicas foi reconfigurada, sobretudo após a virada espacial, cultural e linguística, que marcou a teoria social desde o final do século passado.

No caso da Geografia Urbana brasileira, as diversas tradições de pensamento e perspectivas teórico-metodológicas foram já objeto de um número considerável de autores. A referência de maior impacto, nesse sentido, é Abreu (1994), que no início da década de 1990 escreveu um artigo no qual analisou detalhadamente a evolução e o desenvolvimento dos estudos de Geografia Urbana no Brasil, apontando que fazer uma história da Geografia Urbana é, sob outro plano, fazer/contribuir para a História do Pensamento Geográfico, conforme subtítulo de seu famoso artigo. O texto de Abreu é, portanto, contemporâneo ao estudo de Gottdiener.

Geografia urbana e contribuição epistemológica

Pode-se argumentar que há uma significativa contribuição por parte dos geógrafos e geógrafas urbanos para a Geografia, em geral, por meio de investidas conceituais. É claro que uma análise dessa envergadura merece uma exposição mais acurada e baseada em ampla revisão de literatura. Mas, aqui, limitar-se-á a focar algumas dessas contribuições que foram muito importantes, em particular para o conceito de espaço.

É do campo dos estudos urbanos que surgem as primeiras problematizações do conceito de espaço. Ainda que Michel Foucault tenha escrito na década de 1960 um instigante ensaio sobre o espaço, no qual defendia que “a época atual seria talvez sobretudo a época do espaço” (FOUCAULT, 2013, p. 113), seu texto só foi publicado na década de 1980, e maior impacto tiveram os debates empreendidos por Henri Lefebvre e Manuel Castells. Mesmo

assim, Foucault influenciou teorias consistentes, como a de Edward Soja (1993). Lembremos que os anos 1970 são de profundas transformações sociais, econômicas, políticas e culturais, o que se reverbera na teoria social. “Virada espacial” é o nome que se dá à maior incorporação e sensibilidade a respeito do espaço desse contexto em diante.

O debate entre Castells e Lefebvre é bem analisado por Gottdiener (1993). Esse autor contrapõe as concepções de espaço, movimentos sociais e Estado de ambos autores, para depois tomar partido da “teoria da produção do espaço” de Lefebvre. A crítica mais endereçada a Castells foi a sua incorporação do marxismo de Louis Althusser na análise urbana, por meio de uma abordagem estruturalista que argumentou ser o espaço uma parte da estrutura social, uma “estrutura subordinada” e “determinada, em última instância, pela lei do modo de produção” (CASTELLS, 2000, p. 195). Por sua vez, Lefebvre (2000) buscou a compreensão da produção do espaço e do tempo como aspectos eminentemente históricos e dialéticos, envolvendo sujeitos, grupos, classes, representações, e indo além da dimensão econômica que Castells propunha. Incorporou no debate, em mesmo pé de igualdade, a política e a cultura. Lefebvre, assim, procurou compreender o espaço a partir de uma compreensão marxista não dogmática da totalidade, tanto como produto como produtor, numa dialética que resulta na ideia de *produção enquanto um processo*.

Essas formulações causaram impactos formidáveis na pesquisa urbana e nas ciências sociais, em particular na Geografia, posto que essa disciplina vivia um momento de crise e renovação em escala mundial, questionando o paradigma quantitativo herdado do pós Segunda Guerra Mundial. Milton Santos, por exemplo, endossou parcialmente as formulações de Castells e outros estruturalistas em seu famoso ensaio sobre formação socioespacial (SANTOS, 1977), e um ano depois, em seu livro que marcou o movimento de renovação crítica e radical na Geografia brasileira, “Por uma Geografia nova” (SANTOS, 1978) ele se aproximou da teorização de Lefebvre, que nem sequer tinha sido mencionado no texto de 1977 (talvez não conhecido pelo geógrafo brasileiro, na época).

Outros que foram bastante influenciados por Lefebvre e deram contribuições fundamentais para a renovação e consolidação do conceito de espaço são David Harvey (2012), Neil Smith (1984), Mark Gottdiener (1993), Edward Soja (1993), sobretudo este último. Cada vez mais vê-se incorporar na Geografia a ideia de que o espaço é um produto social e histórico, e por ser resultado do trabalho social, interfere e condiciona as relações sociais que o produziram. Ana Fani Carlos (2011), nesse sentido, afirmou que a passagem de uma perspectiva de “organização do espaço”, que predominava nos estudos geográficos clássicos e

quantitativos, para uma perspectiva de “produção do espaço”, é reveladora do movimento do pensamento geográfico que passou a incorporar a realidade social, dinâmica e contraditória, no contexto teórico e epistemológico da Geografia.

Geografia Urbana e temas de pesquisa: presenças-ausências

Essa tradição de pesquisa encerra campos do saber geográfico concentrados nos eixos da Geografia Humana, Geografia Física, Gestão e Planejamento, Saúde, Memória e Turismo, Meio ambiente e Climatologia, destacando-se temas tais como os de Economia Urbana, o rural e o urbano, desenvolvimento, planejamento e cidade/metrópole, dispersão urbana, urbanismo, espaço urbano, cidades, cultura das cidades, urbanização, estudos urbanos, espaço urbano e inclusão social. Nesses, a totalidade, historicidade e práxis foram elementos fundamentais na configuração dos caminhos observados para a manifestação do método e apreensão do conhecimento.

As determinações gerais da realidade apreendida por tal tradição orientam a descoberta dos aspectos ainda ignorados, ou seja, a parte desconhecida da Geografia Urbana, sendo os elementos acumulados ao longo da sua história os que guiam e contribuem para a construção permanente de um objeto específico. Na raiz do método encontra-se majoritariamente a categoria da totalidade, ou seja, o domínio universal e determinante do todo sobre as partes. Essa constitui a essência do método que a Geografia Urbana transformou de maneira original como instrumento presente na maior parte das pesquisas analisadas. A totalidade, como princípio metodológico, foi identificada a partir de seu significado na Geografia Urbana de que nenhum fenômeno nela analisado foi compreendido de modo isolado. O sentido de cada parte, de cada fato ou dado encontrado nos artigos, emergiu, nesse caso, na medida em que foram sendo identificados como momento de um conjunto ou como resultado de um processo por meio do qual chegou-se à sua natureza e especificidade.

Não se assiste, nessa tradição, ao abandono da categoria da essência, a pretexto de que teria um caráter metafísico, como em outras tradições de pesquisa geográfica. Ao contrário, é um dos elementos que mais contribuem para a análise da realidade urbana. Mesmo no caso de teorias pós-modernas presentes em vários trabalhos como postura inteiramente ou parcialmente assumida, mesmo havendo o peso sido colocado no componente da dife-

rença, do imediato, do efêmero, do fugidio ou do fragmentário, noções de unidade e permanência ainda são presentes. O mesmo se pode dizer do compromisso admitido com a historicidade de seus processos.

A Geografia Urbana, a seguir pelas tendências mais atuais, pode encobrir uma ontologia baseada na categoria da experiência. Essa ontologia pode estar encoberta por perspectivas que assumiram o giro linguístico, o que remonta ao realismo empírico, base tanto do empirismo clássico, como do idealismo transcendental e do positivismo lógico.

Considerações finais

A Geografia Urbana carrega uma essência processual na qual vão se constituindo, ao mesmo tempo, a totalidade de seus objetos e as partes que o compõem, a hierarquia e a ordem entre os diversos momentos ou modos de se relacionar. Todo e partes carregam relações distintas e também é possível ver a passagem de um momento a outro.

A tradição de pesquisa em Geografia Urbana herdou do conhecimento geográfico o componente temporal que lhe dá caráter específico e autentica seus procedimentos metodológicos. A maior parte dos artigos promove um resgate histórico num movimento que faz ver o todo e a parte, numa perspectiva já incorporada do materialismo histórico, sendo as relações sociais as que sobressaem nas modalidades desse campo de estudo.

Do mesmo modo essa tradição submete o aspecto imediato do mundo das representações e do pensamento comum a um exame em que formas reificadas do mundo objetivo e ideal se diluem, perdem a sua fixidez, naturalidade e pretensa originalidade para se mostrarem como fenômenos derivados e mediados por uma *práxis* também identificada. Ao tomar os fatos como eles se apresentam na realidade imediata (a sua forma de objetividade), esta tradição se coloca sobre o terreno da sociedade capitalista, aceitando uma crítica a sua essência, a sua estrutura de objetividade e às suas leis. Tal procedimento conduz a uma cientificidade que se dá no processo de generalização.

Há uma enorme diversidade e heterogeneidade de trabalhos publicados e um constante fluir dos dados imediatos e isso foi também observado nas posturas com vínculo ao positivismo, neokantismo, neopositivismo, fenomenologismo e mesmo pós-modernismo. Essa última, com forte tendência a rejeitar a noção de essência e eliminar a possibilidade de existência de um conhecimento universalmente aceito. O que foi consenso é que na tradição de pesquisa da Geografia Urbana todas as perspectivas resultam na afirmação e no anseio de

transformar integralmente o mundo, dado que leva à inferência de que geógrafos introjetam um comportamento de classe identificado com a classe social proletária.

Finalmente, também não por acaso, pesquisas feitas em todas as perspectivas identificadas na tradição dos estudos urbanos pela Geografia, incluindo a pós-moderna, não rejeitam a existência de uma lógica própria da realidade urbana fundada em categorias do conhecimento geográfico, especialmente as categorias do trabalho e da cultura. Em termos conceituais os elementos do urbano são tratados no nível espacial considerando aspectos teóricos principalmente do território, do lugar e da paisagem.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. Estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, IBGE, v.56, n.4, p.21-122, jan./dez. 1994.

ALLIX, A. **Manual de Geografía General Física, humana y Económica**. Ediciones Rial, S.A.: Madrid, 1950.

ANDRADE, M. C. **Geografia - ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1992.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Ed. 70, 2004.

BRITO, A. J. O estudo de um manual de ensino de matemática: o livro Geografia Geral. **Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**, 2006, Águas de Lindóia. **Anais...** Águas de Lindóia: SBEM, 2006.

BRUNHES, J. **Geografía Humana**. Barcelona: Editorial Juventud, 3ª edición, 1964.

CAPEL, H. La Geografía como ciencia matemática mixta: la aportación del círculo jesuítico madrileño en el siglo XVII. **Geocrítica**, Barcelona, v. 5, n. 30, 1980.

CARLOS, A. F. A. (org.). **Os caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

CARLOS, A. F. A. Da "organização" à "produção" do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, A.F.A.;Souza, M.L.;SPOSITO, M.E.B. (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARTER, H. **El estudio de la Geografía Urbana**. Traducción española: Adri y P. B. Van Breda. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local. 1974.

CARVALHO, D. **Geografia Humana (política e econômica)**. Conselho Nacional de Geografia: Rio de Janeiro, 1967.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

- CLARK, D. **Introdução à Geografia Urbana.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1991.
- CORRÊA, R. L. A Geografia Urbana no Brasil: Uma Avaliação. In: **Anais do 3º Encontro Nacional de Geógrafos** (Sessões Dirigidas). Fortaleza: AGB, 1978, pp. 9-12.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano.** São Paulo: Editora Ática, 2000.
- DICKINSON, R. E. **Ciudad, region y regionalism:** contribución geográfica a la ecología humana. Barcelona: Ediciones Omega, S.A., 1961.
- FREEMAN, T. W. **A hundred years of geography.** Londres: Gerald Duckworth, 1961.
- GOMES, P. C. C. **Geografia e modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- GOTTDIENER, M; FEAGIN, J. Uma mudança de paradigma em sociologia urbana. **Espaço e Debates**, São Paulo, n. 28, p. 44-58, 1989.
- GOWIN, D. B. **The structure of knowledge.** *Educational Theory*, Urbana, 20(4): 319-28, 1970.
- KRAGH, H. **An introduction to the historiography of science.** Cambridge, Cambridge University Press, 1987.
- LA BLACHE, P. V. de. **Le principe de la géographie générale.** Annales de Géographie, vol V. Paris: Armand Colin Editores, 1896.
- LACEY, H. **Valores e atividade científica** São Paulo: Discurso Editorial, 1998.
- LAUDAN, L. **Progress and its problems:** toward a theory of scientific growth. Berkeley/Los Angeles/London: University of California press, 1977.
- LEFEBVRE, H. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000.
- LIVINGSTONE, D. (Org.). **The geographical tradition.** Blackwell Publishing, Malden, USA, 1992.
- MENDONÇA, J. F. Da natureza metafísica dos mundos possíveis. **Dissertatio.** Revista de Filosofia. Universidade Federal de Pelotas. No. 42. P. 261 – 278. 2015.
- MORAES, A. C. R. **Geografia:** pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro:** as matrizes clássicas originárias. São Paulo: Contexto, 2008.
- MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro:** as matrizes de renovação. São Paulo: Contexto, 2009.

MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes brasileiras.** São Paulo: Contexto, 2010.

MÜLLER, N. L. Evolução e estado atual dos estudos de Geografia Urbana no Brasil. **Anais do Simpósio de Geografia Urbana.** Buenos Aires, junho de 1966. Rio de Janeiro: Instituto Panamericano de Geografia e História, 1968.

NOVAK, J. D.; GOWIN, D. B. **Learning how to learn.** Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

PECK, J. Novas direções na teoria urbana: para além da comparação?. In. BRANDÃO, Carlos Antônio Brandão; FERNÁNDEZ, Victor Ramiro; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz (Org). **Escalas espaciais, reescalamentos e estatalidades: lições e desafios para América Latina.** Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2018.

PEREIRA, O. **O que é teoria.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências.** Porto: Edições Afrontamento. 1987.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova.** São Paulo: Hucitec, 1978.

SCOTT, A. J.; STORPER, M. La naturaleza de las ciudades: el alcance y los límites de la teoría urbana. **Espacialidades. Revista de temas contemporáneos sobre lugares, política y cultura**, vol. 3, núm. 2, julio-diciembre, 2013, pp. 6-33 Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Cuajimalpa Distrito Federal, México

SILVA, V. B. O método baconiano e o “Princípio da Geografia Geral” de Vidal de La Blache. **Revista Territorium Terram**, v. 3, n. 5, jan/jun, p. 88-94. 2015.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1993 [1989].

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e Urbanização.** São Paulo: Contexto, 1994.

STORPER, M; SCOTT, A. J. Debates atuais sobre a teoria urbana: uma avaliação crítica. **Geografafares**, Vitória, n. 27, p. 30-62, nov. 2018.

TAYLOR, G. **Geografia Urbana.** Um estudio del emplazamiento, evolución, forma y clasificación de pueblos, villas y ciudades. Barcelona: Ediciones Omega, S.A., 1954.

TONET, I. **Método científico: uma abordagem ontológica.** São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

VARENIO. B. **Geografia General**, en la que se explican las propiedades generales de la tierra. Tradução del latín por José Maria Requejo Pietro. Colecion “Pensamiento y Metodo Geografico”, no. 2, Departamento de Geografia de la Universidad de Barcelona, 1974.

VITTE, A. C. A terceira crítica kantiana e sua influência no moderno conceito de Geografia Física. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, nº 19, pp. 33 - 52, 2006.

Sobre os autores

Rosana Figueiredo Salvi

Graduada em Bacharelado e Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/UNESP/Campus de Rio Claro (1987). Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (1992). Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2000). Realizou estágio de pós-doutorado na Faculdade de Ciência e Tecnologia/UNESP/Presidente Prudente (2017-2018). É professora associada da Universidade Estadual de Londrina/UUEL, locada no Departamento de Geociências/CCE, onde desenvolve pesquisa sobre (i) Epistemologia da Geografia, (ii) Formação docente, (iii) História e Filosofia da Ciência. Lidera o Grupo de Estudo Multidisciplinar dos Processos de Ensino e Aprendizagem - GEMPEA (Diretório de Grupos de Pesquisa CNPq). Na graduação tem experiência na área de Geografia e na pós-graduação atua nas áreas de Geografia e Educação Científica, com ênfase na Epistemologia da Geografia, no Movimento CSTA e História e Filosofia da Ciência, nos níveis de mestrado e doutorado.

Cláudio Smalley Soares Pereira

Atualmente é professor adjunto do curso de Geografia da Universidade de Pernambuco (UPE), campus de Petrolina. Concluiu doutorado (2018) e mestrado (2014) em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP), Campus Presidente Prudente/SP. Na mesma instituição realizou pós-doutorado em Geografia (2018) com bolsa do Programa Nacional de Pós-doutorado (PNPD/Capes). Durante o doutorado realizou estágio sanduíche na Universitat de Lleida/Catalunã/Espanha. Graduado em Geografia (Licenciatura Plena) pela Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, Ceará (2011). É membro do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR) e da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe). Atualmente é Presidente do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Geografia da Universidade de Pernambuco (UPE), campus de Petrolina. Têm experiência na área de Geografia, especificamente Geografia Urbana, atuando nas seguintes linhas de pesquisa: produção do espaço urbano, cidades médias, centro e centralidade urbana, urbanização brasileira, teoria urbana. Desenvolve pesquisas na área de Geografia Urbana, com ênfase em reestruturação e produção do espaço urbano, cidades médias, centro e centralidade, urbanização planetária, mundialização do urbano, fragmentação socioespacial, práticas espaciais e financeirização do urbano; e em Geografia do Comércio e do Consumo, pesquisado temas como novas formas comerciais e de consumo, estratégias econômicas e espaciais do capital comercial varejista, financeirização e creditização da vida urbana, hipermercados, shopping centers e mercados públicos. Tem interesse em Epistemologia da Geografia, com ênfase em teoria do espaço e conceitos da ciência geográfica.

Eliseu Savério Sposito

Possui graduação em Geografia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Presidente Prudente (1974), mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1983) e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1990). Atualmente é credenciado no curso de pós-graduação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, professor titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, outro (colaborador em grupo de pesquisa) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, professor titular da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, professor visitante - Universidad Nacional de San Juan, professor visitante da Universidade Estadual do Ceará e professor titular da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: território, industrialização, pensamento geográfico, dinâmica econômica e produção do espaço.

Como citar esse artigo

SALVI, R. F; PEREIRA, C, S; SPOSITO, E, S. A racionalidade construída da Geografia observada em um exercício epistemológico no campo da Geografia Urbana. **Revista Geografia em Atos** (Geoatos online), n. 13, v. 06, p. 05-27, 2019.

Recebido em: 2019-24-08

Accito em: 2019 -30 -09